



Portugal
1910 - 2010

Portugal
1910 - 2010

100

de património
memória e identidade

anos de património

memória e identidade



www.igespar.pt

Contando com cerca de quatro dezenas de autores, 100 ANOS DE PATRIMÓNIO pretende reflectir a evolução dos conceitos e das práticas no património em Portugal, desde os antecedentes pré-republicanos até à actualidade. Encontram-se nestas páginas, em forma de síntese, as inúmeras facetas, os diferentes interventores e os diversos acontecimentos que, de alguma forma, marcaram este século na área de património. A obra apresenta-se como um útil instrumento de divulgação e, em simultâneo, uma referência neste campo.

100 anos

De resto, é curioso verificar, que essa preocupação foi transversal a outras áreas como, por exemplo, a da azulejaria. Em Tomar, o engenheiro João Miguel dos Santos Simões montou um pequeno laboratório onde analisava as pastas e esmaltes a fim de se inteirar dos processos técnicos da azulejaria e, na qualidade de conservador-ajudante do Museu de Arte Antiga, partilhava estes conhecimentos com João Couto.

Por outro lado, é na dupla João Couto-Fernando Mardel que assistimos à continuação de formações multidisciplinares em equipas de investigação (anteriormente ensaiada entre José de Figueiredo e Luciano Freire) com benefício para o estudo integrado da obra de arte. É neste sentido que compreendemos as viagens feitas a Roma por mestre Mardel (e também Abel de Moura), acompanhando João Couto que ali se deslocou na qualidade de delegado de Portugal na II Conferência Internacional do Restauro (Roma, 1949).

Em 1938 foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura (Itália, França, Bélgica e Espanha), época coincidente com a construção do novo edifício que albergou o Instituto José de Figueiredo. Este périplo permitiu-lhe reforçar o conhecimento sobre a pintura europeia, facto testemunhado por José de Bragança perante o restauro de um retrato de D. Catarina de Bragança, pertencente à colecção do arquitecto Francisco dos Santos: «examinei agora, em melhores condições, no atelier de restauro do Museu de Arte Antiga, o retrato da esposa de Carlos II de Inglaterra, a nossa D. Catarina de Bragança... (ainda agora Mestre Mardel me mostrou fotografia de retratos de ambos, expostos num solar-museu, que eu desconhecia. (...) Concluo, pois que a atribuição a Lely é bem cabida e que a de Kneller me parece improvável, como certamente concluirá Mestre Mardel ao cotejar as datas apresentadas.»

Nos 26 anos que permaneceu como responsável pela Oficina de Restauro passaram-lhe pelas mãos importantes obras de arte como sejam o retábulo da Catedral da Sé de Évora, os painéis quinhentistas da Ilha da Madeira, bem como as obras que integraram a Exposição dos Primitivos Portugueses, o que lhe valeu, certamente, a condecoração do oficialato da Ordem de Santiago em 1941.

Quase no final da vida, pela época das comemorações do V Centenário da Rainha D. Leonor, participou ainda no restauro do tecto seiscentista da Igreja da Madre de Deus, coadjuvado por Edmundo Oliveira da Silva, demonstrando ser «um obreiro exemplar dominando todas as sutilezas do ofício», nas palavras saudosas de João Couto.

S. F.

João Couto (1892-1968)

Nasceu em Coimbra em 1892 e, nesta cidade, formou-se primeiro em Direito e, mais tarde, em Ciências Histórico-Geográficas e Filosóficas, onde foi aluno de Carolina Michaëlis, Eugénio de Castro e Joaquim de Vasconcelos. Desde cedo que João Couto nutriu particular afeição pelo campo das artes e do património. O modelo de museologia anglo-saxónico que conheceu logo em 1914 constituiu uma marca distintiva do trabalho desenvolvido nas várias instituições museológicas por onde desempenhou funções, desde o Museu Machado de Castro, onde

contactou com António Augusto Gonçalves, passando pelo Museu dos Condes de Castro Guimarães até ao Museu Nacional de Arte Antiga, no qual assumiu o cargo de conservador-adjunto, a partir de 1930. À época, José de Figueiredo, director do Museu Nacional de Arte Antiga, ocupava-se com os planos para a futura ampliação do museu através da construção de um novo edifício sobre as fundações do Convento de Santo Alberto, bem como a remodelação dos interiores do Palácio dos Condes de Alvor. Desde cedo, surgem as primeiras divergências com José de Figueiredo, pois João Couto discordava da orientação museológica do programa do edifício remodelado.

Em paralelo, João Couto preocupara-se em reequipar o atelier de restauro do museu e, junto a José de Figueiredo, persuadira-o a transferir a oficina de restauro de pintura antiga da Academia Nacional de Belas-Artes para o Museu das Janelas Verdes, designando Fernando Mardel como chefe da equipa em 1934. O espírito moderno fez-se de novo sentir na dotação de um «Laboratório para o Exame e Restauro das obras de Arte», com equipamento idêntico aos laboratórios mais prestigiados do tempo, e nas viagens empreendidas ao estrangeiro, designadamente na observação directa de exames científicos às obras de arte. No final de 1936, este novo laboratório estava apetrechado com tecnologia avançada e apto a realizar, por exemplo, análises químicas a pigmentos e aplicação de luz de sódio para o estudo e restauro da pintura, bem como colorimetria, pese embora o facto de se verificar a ausência de técnicos especializados em algumas dessas áreas. Iniciou-se assim um período de profunda investigação relacionada com a aplicação dos instrumentos científicos ao conhecimento e restauro da pintura existente em acervos museológicos nacionais. Este tema é particularmente sensível para João Couto que, em 1949, se deslocou a Roma onde participou na II Conferência Internacional de Restauro. Naquela cidade italiana apelou à adopção dos métodos científicos para um estudo integrado do objecto artístico, facto coadjuvado pela interacção conjunta de responsáveis pela conservação e restauro, bem como de cientistas com formação em diversas áreas, desde a física, à química, passando ainda pela radiologia e fotografia. A modernização do Laboratório para o Exame e Restauro de obras de Arte coloca-se de novo com a ampliação do Museu Nacional de Arte Antiga e, de 1938 a 1940, é construído um novo edifício projectado por Guilherme Rebelo de Andrade.

A consciência patrimonial de João Couto não se esgotou apenas no estudo aprofundado da obra de arte, através de meios técnicos e laboratoriais, procurando assim destacar a autenticidade no objecto artístico. Com efeito, a partir dos finais da década de 30, a investigação empreendida em história da arte, em particular da pintura dos séculos XV e XVI, fez de João Couto um autor de inegável importância, no contexto nacional e internacional, cujas publicações deverão constituir ainda hoje um exemplo a seguir no que respeita aos pressupostos metodológicos de análise da obra de arte.

Acrescente-se ainda que a criação de estágios para conservador dos museus nacionais e a defesa da função educativa das instituições museológicas foram atitudes pioneiras que se traduziram não só na forte interacção promovida entre escolas e museus, mas também na organização de cursos livres, conferências, colóquios e outros encontros de carácter científico, visitas guiadas e até sessões cinematográficas. Os espaços públicos recém-criados no museu (biblioteca, salas de conferências e de convívio) eram convidativos e propícios para tais actividades, desenvolvidas particularmente entre 1940-60, relacionadas com a vivência, o conhecimento e a divulgação da natureza das colecções das Janelas Verdes. Além disso, a realização amíável de várias exposições temporárias, o aumento considerável das colecções e o impulso conferido ao seu processo de inventariação constituíram vectores assinaláveis na política de dinamismo cultural que empreendeu.

Em suma, evocar João Couto é recordar as dimensões plurifacetadas de uma personalidade forte da história contemporânea que se distinguiu no panorama nacional e internacional não só como historiador da arte e investigador, mas também como museólogo de vanguarda, possuidor de uma visão política alargada e integrada do património cultural português.

P. F.

Manuel Valadares (1904-1982)

Interessado por física desde muito jovem (provavelmente desde uma célebre conferência de Jean Perin, à qual assistiu ainda enquanto estudante do liceu), Manuel Valadares especializou-se na Sorbonne e tornou-se assistente da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa em 1927. Entre 1929 e 1930 estagiou no Instituto de Rádio, em Genebra e, entre 1930 e 1933, trabalhou em Paris, no laboratório de Pierre e Marie Curie. Neste último ano, defendeu o doutoramento que o consagrou como uma das maiores autoridades mundiais no domínio da radioactividade. De regresso a Portugal, dedicou-se à física nuclear e à espectrometria da radiação X. Deslocou-se a Itália em 1940 e 1941, onde desenvolveu experiências no Instituto de Volta (Pavia) e no Laboratorio di Fisica dell'Istituto di Sanità Pubblica (Roma). Nesse período, iniciou a publicação da revista *Portugaliae Physica*, periódico de carácter internacional, no qual se publicaram resultados de projectos seus e investigações de doutoramento que orientou.

Uma tão sólida carreira científica teve um notável contributo para a história da arte, tão inesperado quanto fundamental. Ainda em Paris, no Instituto Mainini, Valadares contactou com a utilização de métodos científicos para o estudo de obras de arte. Em Portugal, graças ao entusiasmo de João Couto (director do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), a partir de 1937), foi possível constituir o Laboratório para o Exame de Obras de Arte (1936), equipamento essencial para um rigoroso inventário do núcleo de pintura antiga do MNAA. Num momento em que eram demasiadas as interrogações acerca das atribuições autorais, o exame radiográfico era um método que carregava informação técnica para o debate e permitia ir mais além no conhecimento de cada peça.

A primeira radiografia foi efectuada a 3 de Setembro de 1936 «e no fim do mês o número total de documentos radiográficos ascendeu a 60»¹. Compreensivelmente, os Painéis de S. Vicente tiveram a primazia num exame desta natureza, mas também *A Virgem, o Menino e Santos*, de Hans Holbein. O trabalho abrandou entre 1939 e 1941, período em que Valadares se encontrava em Itália e se construía o edifício que albergaria o Instituto José de Figueiredo (que juntava o laboratório e a oficina de restauro de pintura antiga, então sob comando de Fernando Mardel). Mas a partir de 1942, o projecto atingiu um ritmo surpreendente, analisando-se o núcleo atribuído ao pintor frei Carlos e as *Tentações de Santo Antão*, de Bosch. Ao mesmo tempo que os resultados foram permitindo estudos de história da arte (como o que João Couto dedicou a frei Carlos), Valadares foi publicando alguns documentos de referência².

¹ CRUZ, António João – A radiografia no laboratório para o exame das obras de arte do Museu Nacional de Arte Antiga (1935-1965).

² VALADARES, Manuel – Le spectre L des rayons X du radium.

O trabalho de Valadares, no Instituto José de Figueiredo e na Faculdade de Ciências, ficou incompleto. Em 1947, por motivos políticos, Salazar expulsou alguns docentes da universidade, entre os quais se contava Manuel Valadares e outros dois professores de Física: Aurélio Marques da Silva e Armando Gibert. Valadares exilou-se em França, a partir de Novembro desse ano, e mesmo à distância esforçou-se por acompanhar a actividade do Centro de Estudos de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa, e auxiliar alguns estudantes aí formados, encaminhando-os para centros internacionalmente conceituados³.

Em França, foi director do Centre de Spéctrométrie Nucléaire et de Spéctrométrie de Masse, em Orsay, e do Laboratório do Íman Permanente de Bellevue após a morte de Rosenblum (1959). Regressou a Portugal após o 25 de Abril, mas não para ensinar. Foi condecorado com o grau de Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago de Espada (1979) e agraciado com o doutoramento *Honoris Causa* em 15 de Fevereiro de 1981, escasso ano e meio antes de falecer.

P. A. F.

³ SALGUEIRO, Lídia; CARVALHO, Luísa – Manuel Valadares (1904-1982).